

Media & Jornalismo

Imprensa da Universidade de Coimbra | Coimbra University Press

N.º 27, Vol. 15, N.º 2 - 2015

EDUCAÇÃO PARA OS MÉDIAS NA ERA DIGITAL



RECENSÃO DE LANKSHEAR, C. & KNOBEL, M., EDS. (2013). A
NEW LITERACIES READER – EDUCATIONAL
PERSPECTIVES. NOVA IORQUE: PETER LANG¹.

MARIANA GUERREIRO

MARIANANETO.G@GMAIL.COM

Até há pouco tempo, o conceito de “Novas Literacias” era apenas usado para fazer referência às novas formas de escrever e falar que estavam a aparecer no nosso quotidiano com a emergência de novas aplicações, tecnologias e serviços disponibilizados *online*. O termo *online* é, aliás, o mote para a definição do conceito de “Novas Literacias”. A emergência dessa área de saber e prática, e a confluência de diferentes especialidades, justifica a relevância da obra *A New Literacies Reader*, que reúne 18 textos que interessam a educadores, investigadores sobre educação e sobre comunicação, mas também a responsáveis políticos sobre educação.

Em 1993, David Buckingham, em colaboração com Chris Abbott e Julian Sefton-Green, criaram a primeira definição profissional em literatura do que poderíamos entender por “Novas literacias” como uma organização consensual, teórica e pedagógica que atua em diversas áreas e, particularmente, ao nível da educação formal.

Numa abordagem mais recente, tentamos compreender as “Novas literacias” na maneira como honram o aumento da presença mediática das tecnologias eletrónicas digitais dentro das práticas diárias da literacia com vista a recomendar aos educadores e investigadores que estejam atentos à importância que tais práticas assumem nas vidas dos estudantes, das suas famílias, das suas redes e das suas comunidades.

O foco é então perceber quais as implicações das novas tecnologias na educação formal. Quais as práticas a aplicar e quais os desafios impostos aos professores e alunos? Os campos de actuação são vastos passando pelo espaço da sala de aula, pela escola em conexão com o mundo exterior, pela aprendizagem dos professores e o seu desenvolvimento profissional e pelo domínio da participação não-formal.

Na sala de aula, o maior desafio proposto é o da aprendizagem conjunta. Será possível que alunos e professores possam adoptar novos e desafiantes projectos para as suas aulas? Os autores do capítulo *Multimodal Pedagogies* mostram-nos que sim, ao adoptarem para as suas salas de aula plataformas como o MySpace, o YouTube, os blogues, com o objetivo de explorar as literacias digitais de vários ângulos e de diferentes perspectivas. Com estas plataformas os professores conseguem integrar as tecnologias usadas pelos jovens naquilo que ensinam e estão aptos a criar uma ligação mais próxima com eles e a sentirem-se confortáveis para adaptar os conteúdos escolares aos contextos a que os jovens estão habituados e de que gostam. Mostrando esta disponibilidade de aproximação e de reinvenção

1 Esta recensão não abrange a totalidade de capítulos do livro, centrando-se assim naqueles que despertaram a minha atenção e nos quais achei métodos mais inovadores e dignos de destaque.

dos conteúdos, os alunos tornam-se mais interessados e atraídos pelos conteúdos leccionados.

A integração das novas tecnologias na sala de aula revela enormes avanços na educação tradicional, de certa forma rígida em relação às suas normas, pois proporciona uma renovação da hierarquia que se cria entre aluno e professor. Os alunos deixam de viver em mundos paralelos, pois agora, mesmo na sala de aula, podem e devem utilizar e integrar os conhecimentos que trazem de fora; esse “*remixing*” de conhecimentos cria novas concepções acerca da maneira como os jovens usam as novas tecnologias para ler e escrever e qual o papel que a escola ocupa nesta equação. O aluno passa de um ser passivo a um ser activo e produtor dos seus próprios conteúdos. O desafio é então combinar as duas perspectivas para que aluno e professor contribuam, mutuamente, para uma aprendizagem mais didática e mais sustentada com os meios que utilizamos no nosso quotidiano para que a realidade escolar não esteja desfasada da realidade fora da escola.

Outra prática bastante interessante e descrita no capítulo *Slammin’ School* é a da poesia. Com o intuito de se aproximarem da realidade dos estudantes, e através da ligação à cultura de rua e ao hip-hop, os professores introduziram a poesia como temática de estudo e de reflexão abrindo portas a uma nova concepção de pensamento, de expressão e até de ser. Este desafio foi bastante bem aceite pelos alunos, que frisaram como vantagens a oportunidade de se exprimir, partilhar episódios das suas vidas, ser simultaneamente autores e intérpretes, e conseguir conciliar a poesia com a cultura urbana onde estão inseridos.

Maxine Greene (2003) frisa a importância da aproximação entre professores e alunos através da adaptação das práticas de ensino. O autor salienta que devemos olhar para os jovens como seres com “desejos para serem ainda aproveitados, possibilidades para ainda serem abertas e exploradas”.

O ensino deve ser um sistema aberto e receptivo a mudanças e, pelo contrário, não deve reger-se por conceitos pré-concebidos e por ideias fixas, pois isso origina um panorama em que o aluno é uma figura finita e acabada. Deve ser cultivado um sentimento de aproximação através da partilha de vivências e, acima de tudo, da comunhão de saberes. Desta forma a sala de aula transforma-se num espaço em que diversas naturezas se cruzam e em que toda a gente consegue criar significado e abraçar o trabalho com uma nova perspectiva.

O desafio dos professores passa por descobrir e incorporar novas práticas que concretizem a aproximação que é desejada aos seus alunos. Práticas essas que combinem a inovação com as temáticas a serem leccionadas. Para que a tarefa seja cumprida com êxito, muitos professores participam em formações e *workshops* que proporcionam uma visão mais clara e mais prática das estratégias que posam vir a utilizar.

Um dos textos pertencentes a esta parte do livro relata a experiência do professor em *pre-service* enquanto autor de um blogue pessoal e profissional como uma nova experiência educacional baseada num programa de formação de professores. Do grupo de 20 professores que participaram nesta formação, 15 deles reconheceram que o blogue lhes permitiu uma melhor relação com os outros colegas e até mesmo com os mentores fora dos padrões de convívio formais implícitos ao ambiente escolar. Este tipo de actividades extra-escolares permitem aos professores

mais novos travar conhecimentos e estreitar relações com os colegas mais experientes e partilhar novas concepções de ensino e reflectir sobre novas práticas e novos desafios.

A adaptação dos conteúdos a lecionar à realidade dos jovens estudantes, nomeadamente no que se refere à cultura popular, confere um maior realismo às temáticas de ensino e permite ainda um envolvimento superior dos alunos. No livro é abordada a questão da comunicação, coordenação e camaradagem como pontos fulcrais na relação entre os jovens e no seu desempenho enquanto grupo. Incorporar o fracasso foi um dos desafios propostos aos jovens e, como resultado da análise, entendeu-se que um grupo, em vez de se concentrar no objetivo de completar o trabalho e colher os frutos da vitória, pode concentrar-se em criar amizades e aprender a completar a tarefa em conjunto.

Perspectivas de pesquisa em novas literacias e aprendizagem

James Paul Gee, no seu texto *Learning about learning from a video game*, deixa-nos uma lista sobre os princípios da aprendizagem que foram construídos através do seu estudo com o videojogo *RoN*. O autor considera que estes princípios seriam eficazes em áreas fora dos jogos e que são passíveis de serem aplicados a outras áreas de conteúdo na escola.

Desta forma, o autor enumera, entre muitos outros, pontos cruciais no que toca a novas perspectivas de inclusão das novas literacias na aprendizagem: criar motivação para um longo compromisso; criar e honrar preparação para a aprendizagem futura; criar e honrar experiências de aprendizagem horizontais e não apenas verticais; deixar que os alunos avaliem os seus próprios conhecimentos e estilos de aprendizagem e a tomar decisões para si; passar informações e conteúdos de maneiras variadas e passar a perspectiva de que a aprendizagem colaborativa deve ser uma dança entre as orientações e ações do professor e as interpretações do aluno.

Conclusão

Assim, e em tom de conclusão, a emergência das plataformas *online* e das suas ramificações torna urgente a inclusão das novas literacias tanto na escola, em ambiente de educação formal, como nos espaços extra-escolares, em ambiente de educação informal. As práticas devem alterar-se e deve adotar-se uma hierarquia horizontal e não vertical como usualmente acontece. Professores e alunos devem aproximar os seus mundos com vista a um ambiente de aprendizagem mais próximo das duas realidades. Esta aproximação permite estabelecer laços que vão dar abertura suficiente à introdução das temáticas educativas que vão ser aceites com mais facilidade pois estão adequadas aos seus recetores.